

Caminhos na Psicologia da PUC-SP: pioneirismo e compromisso*

*Professora Emérita Dra. Mathilde Neder***

Eu fui chamada para uma reunião na Reitoria da PUC-SP, em 1956 e, chegando lá, estavam o Reitor e o meu amigo Dom Cândido Padin. Era um convite para eu trabalhar aqui na PUC-SP!

Eu sou nascida em Piracicaba (SP) e o Reitor, [à época era D. Paulo de Tarso Campos] tinha feito escola de agronomia em Piracicaba, trabalhado em Campinas, e foi muito simpático à ideia de eu trabalhar na PUC-SP.

Eu não sabia o que iria fazer, mas sempre aproveitei as oportunidades que me apresentavam. Isso foi em tudo que eu fiz na vida: oportunidades de aprender e trabalhar em Psicologia e, principalmente, em Psicoterapia.

Como não tinha curso de formação em Psicologia, as oportunidades que apareciam, eu aproveitava. Assim foi, em 1947/48, em estágios que fazíamos no [Hospital Psiquiátrico do] Juqueri (SP), quando ficávamos observando e discutindo depois com os médicos o atendimento aos pacientes. E quando eu fui trabalhar com a Noemy da Silveira Rudolfer, que tinha feito especialização em Psicanálise no Rio de Janeiro, e eu a ajudava a preparar material para Congressos, para os atendimentos com crianças, ficava junto nos atendimentos...

* Depoimento elaborado a partir de entrevista que a Professora Emérita Dra. Mathilde Neder concedeu à professora Dra. Marli Aparecida Bassani, para o número comemorativo da Psicologia Revista referente aos “55 Anos do Curso de Psicologia da PUC-SP”, hoje Curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FaCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em dezembro de 2019.

** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica.

Então, eu vim para a PUC-SP. Naquela época, não existia o Curso de Psicologia; trabalhávamos em Orientação Educacional. Em 1957, em dei aulas de Psicologia Social e já tínhamos Grupo de Orientação Educacional, e recebíamos casos para orientação.

Com a abertura da Clínica Psicológica da PUC-SP, eu passei a trabalhar na Clínica, também, atendendo casos. A Madre Cristina, que era do *Sedes Sapientie*, e que já trabalhava com Psicologia por sua formação complementar no exterior (na Sorbonne, se não me engano), me chamava para trabalhar com ela. E, eu ia.

Na Clínica Psicológica da PUC-SP, a Ana Maria [Poppovic] me dava casos que eles não conseguiam diagnosticar; nós não tínhamos naquela época, conhecimento de vários problemas de saúde mental.

A Ana Maria [Poppovic] me deu o caso de um menino que não falava com ninguém, mas eu lembro bem quando ele chegou ao meu ouvido e ficou: “Ma... Ma...” e eu sem saber o que ele queria. Então ele diz: “Mathilde”. Foi algo de que me lembro até hoje. Era um menino que não se relacionava, era difícil de ter contato com ele, mesmo visual. E Ana Maria [Poppovic] me disse: “Veja o diagnóstico que se pode fazer desse menino”.

E lá fui eu com ele. Eu fui dando material para ver no que ele poderia se expressar para “me dizer” algo sobre ele. Quando eu dei papel e vários lápis de cor, ele pegou e rabiscou, rabiscou, forte, tentando me mostrar um desenho. E eu disse a ele: “Ah, você fez um ‘fusca’, aqui está um fusca!” E ele me ouviu, eu havia conseguido entender o que ele queria desenhar, me mostrar, se comunicar comigo!.

Depois disso, ele foi fazendo desenhos, da mesma forma, como rabiscos fortes, em várias folhas de papel e eu o incentivava a colocar em uma sequência para poder dizer a ele qual a “história” que ele havia desenhado.

Trabalhei com ele no pátio da Clínica, que tinha [tanque de] areia. E havia água também. Ele queria ficar peladinho na água e eu deixava: cuidava das roupas e de toalha para secá-lo depois. Mas eu deixava que ele ficasse no pátio como ele quisesse e ia trabalhando com ele tudo isso. A areia, tivemos que mudar para dentro da Clínica, porque os gatos danados iam lá à noite

e sujavam tudo. Colocamos tampa e, ainda assim, eles afastavam à noite e conseguiam sujar. Uma pena, porque era muito bom fazer isso no quintal da Clínica. Mudamos, então, a areia para dentro do prédio.

E ele, um dia, conseguiu falar meu nome no meu ouvido!

Conseguimos uma escola para aceita-lo e ele chegou a frequentar. Mas, era muito difícil lidar com o acompanhamento na escola regular de casos como o dele. Então, ele teve que sair.

Como eu iria para o exterior [Professora Mathilde fez especialização no Chile, dentre várias especializações], eu não podia mais acompanhá-lo. E, sei que ele ainda continuou o tratamento na Clínica, eu passei o caso aos poucos, mas não tive mais notícias dele. Até hoje, sinto demais não saber como ele se saiu na vida, como a Clínica da PUC-SP contribuiu para a vida dele!

Esse é um problema de nosso trabalho em Clínica Escola, ou mesmo no hospital, por ser muito breve o tipo de trabalho que precisamos fazer: perdemos, muitas vezes, a continuidade da vida daquela criança, daquela pessoa...

Então, na PUC-SP, eu era responsável pela Psicoterapia e continuávamos a estudar, trazendo pessoas interessantes para a formação na Psicologia da PUC-SP. Assim foi com [Péthro] Sandor, estudando com ele Reich e Jung, trazendo a abordagem reichiana e as técnicas para integração fisiopsíquica. Então, eu trouxe a Denise [Ramos] para trabalhar comigo e dar aulas nessa abordagem e na Psicologia Analítica de Jung.

Trazia para a Faculdade minha experiência em consultório em psicoterapia e minha experiência em atender as crianças na Reabilitação do HC e suas famílias [Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – USP – em um atendimento inédito que inaugurou a Psicologia Hospitalar no Brasil]. Da Faculdade, levei para o Pós-graduado [PEPG em Psicologia Clínica] e para lá fui levando pessoal da Graduação: a Denise [Gimenes Ramos], depois a Edna [Kahhale] e, por último, você [Marlise Bassani], com o ambiente para a psicossomática e para a psicologia hospitalar.

Eu trabalhei na Faculdade de Psicologia desde seu início aqui na PUC-SP, em 1963, assim que o Projeto de Lei de 1962, com a profissão da

Psicologia sendo reconhecida. Trouxe muitas pessoas para trabalharem comigo, mas nunca prendi ninguém. Eu sempre quis que as pessoas viessem comigo e que, depois quando quisessem, seguissem seus caminhos. Nunca prendi ninguém para ficar comigo, quis que pudessem seguir seus caminhos.

[Professora Mathilde continua a manter reuniões de discussão sobre Psicoterapia em sua residência como parte das atividades a que se propõe na Associação Brasileira de Psicoterapia.

Mantém-se como Professora Emérita Colaboradora no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, participando de atividades também com a Graduação, bem como em eventos de integração entre o Curso de Psicologia e o PEPG em Psicologia Clínica, da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da PUC-SP].